

## O COTIDIANO NA ESCOLA E A ESCOLA NO COTIDIANO RIBEIRINHO/PANTANEIRO

Eulene Vieira Moraes

Maritza Maciel Castrillon Maldonado

### Resumo

Cotidiano de crianças ribeirinhas/pantaneiras, eis o *espaçotempo* narrado neste texto. Busca-se aproximar forças da narrativa (Benjamin, 1996) e do cotidiano (Certeau, 1994,1996) como maneira de pensar a educação num contexto escolar próprio e o currículo pensado/praticado pelos sujeitos que compõem seus saberes/fazeres cotidianamente. Foram utilizados como instrumentos de registros da pesquisa, o diário de campo, rodas de conversas com crianças e professores, numa turma multisseriada de 1º, 2º e 3º anos. Problematisa-se nesse estudo: Que sentido de escola as crianças no/do campo vivenciam? Como a organização escolar/curricular acolhe as crianças? Esta pesquisa traz encontros com singularidades de infâncias e multiplicidades de sentidos que dinamizam os espaços coletivos dentro e fora da escola.

**Palavras-Chave:** Criança/Infância Ribeirinha. Estudos cotidianos. Currículo escolar.

*O que de terra a palavra se  
acrescentasse, a gente se acrescentava  
de terra. O que de água a gente se  
encharcasse, a palavra se encharcava  
de água. Porque nós íamos crescendo  
de em par. Se a gente recebesse  
oralidades de pássaros, as palavras  
receberiam oralidades de pássaros.  
Conforme a gente recebesse formatos  
da natureza, as palavras incorporavam  
as formas da natureza.  
(Manoel de Barros)*

Manoel de Barros, poeta mato-grossense, caminha conosco na tessitura deste artigo para apresentar ao leitor o percurso de sua intencionalidade. Inspiramo-nos no poema “Fomos formado no mato – as palavras e eu”, como maneira de movimentar as reflexões da pesquisa, ora iniciada.

No ritmo das águas que banham uma pequena comunidade, acrescentada de cores da natureza, em meio ao cenário de cheia dos rios, própria de um espaço/tempo de uma região pantaneira, pertencente ao Estado de Mato Grosso, começa o caminhar de

crianças com idade de seis a oito anos, nas primeiras pinceladas do sol da manhã, para mais um encontro com a escola. Caminhar que atravessa uma BR, ponto de ligação de uma fronteira que abraça os povos do rio, do campo, da roça. Um exercício diário de crianças que requer a caminhada a pé ou com bicicletas, acompanhados com pais, irmãos, avós, tios ou colegas. Na ambiência da natureza, essas crianças vão se entrelaçando com a revoada dos pássaros nas danças de liberdade que contornam o azul do céu; com o cheiro de Pequi e de Bocaiúva; com o orvalho da manhã-criança; com as cercas, as porteiras, as picadas de estradas, o mato molhado por dias de cerração. São nesses entrelaçamentos que encontramos um universo singular, de crianças pantaneiras/ribeirinhas: o encontro com “As Palavras e eu/nós”.

Este lugar escolhido faz o desenvolver da pesquisa. Espaço realizado em uma Escola do Campo, a 60 km do perímetro urbano do município de Cáceres/MT, no entorno da BR 070, que liga Cáceres-Brasil a San Matias-Bolívia. Lá, encontramos vidas em que o rio está dentro das próprias vidas. Um convite a acompanhar os percursos que esse rio traça dia após dia, seguindo as correntezas, conhecendo novos caminhos, vencendo os obstáculos, e a partir desse movimento firma-se o propósito: Criança/Infância ribeirinha. Como acontecem suas vivências nos espaços de vida pantaneira na fronteira Brasil/Bolívia?

No embalo da cotidianidade ribeirinha, o presente texto, resultado parcial da pesquisa de dissertação de Mestrado em Educação, apresenta *Narrativas de cotidiano: composições singulares de crianças e suas infâncias em uma escola do campo na fronteira Brasil/Bolívia*. Este estudo busca suscitar instantes de reflexões de vidas e histórias de crianças e suas infâncias num cenário ribeirinho/pantaneiro. A pesquisa é tecida como uma rede de pesca, cotidianamente, com todo o cuidado e respeito para com os protagonistas desta história: as crianças. Comparamos este estudo, com o ato de tecer a rede. A escolha do fio é o passo primordial para a resistência e a segurança da malhadeira. Entre voltas e entrevoltas na sintonia da dança do fio e a agulha, as malhas são constituídas, passo a passo, nós por nós, até chegar a sua tecitura final. Tudo passa pelas habilidades das mãos de quem as cria. Rede tecida como uma arte, com o propósito de assumir o objetivo para qual fora criada: ser lançada ao rio, arriscar-se a novos desafios, e, entre superfícies e profundezas, mansidões e correntezas, escutas e esperas, criar possibilidades de novos encontros com o movimento da vida, difícil de ser capturado pelo constante mover-se e pelo vazar-se incessante.

Narrar as vivências e os afetos das crianças de seis a oito anos, e suas infâncias, no/do/com o cotidiano em uma escola do campo, comunidade ribeirinha do município de Cáceres-MT, essa é a força deste estudo. Narrar, estando com elas e para elas. Narrar a partir do lançar, enquanto rede e descrever, analisar os encontros, procurando acompanhar o movimento das vidas das crianças, percebendo como a singularidade é expressa nos modos de viver a infância no/do/com cotidiano ribeirinho e no/do/com o cotidiano escolar. Essas duas dimensões, do olhar a cotidianidade ribeirinha e o espaço escolar, compreendidas como espaços de constituição do sujeito/criança, apresentam uma infância própria de um tempo/espaço em movimento. Narrar essas histórias, é trazer a força das experiências coletivas, de potências de vidas que pulsam nessa realidade, para que outro jeito de viver a infância seja, também, visto.

O encontro com novos olhares, com vozes que ressoam os sonhos infantis, caracterizam acontecimentos que habitam esta pesquisa. Acontecimentos que se encontram no lugar comum, com seus saberes/fazerem particulares, de “um cotidiano que se inventa com mil maneiras de caça não autorizada.” (Certeau, 1994, p. 38). Assim nos encontramos hoje, em uma pesquisa que motiva e se motiva pelo encontro, como declama Manoel de Barros: *Sou hoje um caçador de achadouros da infância, vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios de meninos que fomos.* Pretende-se, assim, possibilitar as reflexões da cotidianidade da criança/ribeirinha/pantaneira, em suas condições sociais, históricas, culturais, econômicas, entre tantos outros modos de viver a infância, pois, são nessas experiências de vidas que as crianças se constituem como seres humanos que compartilham a vida.

### **I- A opção teórico-metodológica da pesquisa: participantes, contextos e espaços significativos**

Dentre diversas maneiras de pensar o cotidiano das crianças, trazemos para este texto uma concepção de educação que acontece nos espaços de convivialidade da criança: na família, na escola, na comunidade, na cidade, na fronteira, entre outros. Pensar a educação por esses caminhos significa concebê-la em seus princípios humanizadores, como a alegoria que apresentamos da tecitura da rede. No ir e vir do entrelaçamento entre a agulha e a linha, a história vai se formando e tornando possível ver o espaço onde a criança vive, como o lugar da criança revolucionar (Benjamin, 2002). Esse olhar intensifica o

propósito da pesquisa, em especial pela Narrativa que inspira a constituição do texto. Por meio dela, compreendemos a relevância de que ouvir é viver a voz da criança, que traz em si, a novidade do mundo. Pretende-se, a partir daí exercitar a descontinuidade. Parar a história contínua da criança e da infância e trazer as singularidades de vidas, de um lugar carregado pela ancestralidade de uma terra que um dia fora habitada por povos indígenas. Trazer a força da Mãe-Terra carregada de ecos de vidas que um dia construíram, produziram, lutaram para manterem-se no lugar, “um lugar próprio de onde pensar o cotidiano.” (Certeau, 1994, p. 67).

Narrar o que está nas sutilezas das “artes de fazer” dos sujeitos que ali constroem seus mundos significa dar visibilidade, como sugere Ferraço (2007), a outras histórias e sonhos. O autor nos abre um leque de alternativas que nos oportunizam conhecer a força narrativa quando expressa:

Então, trabalhar com narrativas coloca-se para nós como uma possibilidade de fazer valer as dimensões de *autoria, autonomia, legitimidade, beleza e pluralidade de estéticas* dos discursos dos sujeitos cotidianos. Trabalhar com histórias narradas mostra-se como uma tentativa de dar visibilidade a esses sujeitos, afirmando-os como *autores/autoras*, também protagonistas dos nossos estudos. (FERRAÇO, 2007, p. 86)

Mediante essas tentativas de inventar o cotidiano como formas de abrir novos caminhos, possíveis modos de se reinventar as práticas, novas criações, encontramos um cotidiano com esses novos sentidos nas artes de fazer das crianças. Sentidos que passam pelas vivências coletivas com criança/criança, criança/adulto, considerando a legitimidade dos valores e saberes construídos cotidianamente. É o que nos inspira na obra de Certeau: “dissolver-[nos] nas novidades e nas multiplicidades dos detalhes.” (Certeau, 1994, p.69).

Assim, convivemos com as crianças, em uma turma multisseriada, de 1º, 2º e 3º anos, formada por dezessete crianças, no período matutino. Realizamos rodas de conversas com crianças, professores e famílias, acompanhamento nas atividades conjuntas da comunidade, gravações e registros no diário de campo. Toda a dinâmica da pesquisa veio ao encontro com a opção teórico-metodológica que adotamos: os estudos cotidianos. Essa abordagem traz a Narrativa como opção política, por adotar um estilo próprio de habitar o contexto, sem criar categorias, conformar identidades, afirmar verdades. As narrativas, enquanto palavras, imagens e sons, são utilizadas nesta pesquisa a partir das inspirações propiciadas pelas pesquisas desenvolvidas por Walter Benjamim (1996, 2002), e Michel de Certeau (1994, 1996). No diálogo com esses autores, a pesquisa assumiu uma sustentação

teórico/prática que permitiu acompanhar, narrar, analisar as experiências de vidas no espaço próprio. Imbuídos do pensamento benjaminiano, concebemos que o ato de narrar traz seu aspecto sensível, “uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (BENJAMIN, 1996, p. 205).

Refletir o cotidiano de vida das crianças moradoras de comunidade no/do campo, é a busca de captar essas artes de fazer vida, sonhos, de fazer escola, de aprender, de ser criança nos jeitos de brincar, nadar, pescar, interagir e assim, perceber as interpelações da vida cotidiana na relação com o tempo e nas muitas formas de reorganizar o espaço de aprendizagens. Essas inúmeras invenções do e no cotidiano vão concomitantemente produzindo cultura, nesse movimento de concretude da vida que perpassa todos os lugares por onde a criança marca seu caminhar. Sendo assim, problematizamos este lugar de vida da criança/ribeirinha/pantaneira. Espaços de vida no/do campo, espaço/tempo este, no viés do pensamento certauniano (1994, 1996), como expressão viva do “lugar”, do “habitado”, do “vivido”, do “usado”, do “praticado”.

Nessas realidades de vida no/do campo encontramos as populações infantis, como explicita CALDART (2002, p. 26), que tem direito à educação a partir do seu lugar. Por isso a autora enaltece a educação “no” e “do” campo. Segundo ela, “No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às necessidades humanas e sociais.” Nesse contexto, a educação passa a ser pensada a partir do modo de viver, pensar e produzir do campo, como nos apresenta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394/96), em seu artigo 26, quando estabelece a exigência do currículo que contemple os saberes peculiares e as especificidades locais e regionais. São crianças/infâncias que convivem numa complexa rede de relações e mobilizações singulares aos lugares de pertencimento, como sujeitos do campo, que expressam as diversidades sócio-culturais de nossa região pantaneira, de nosso país.

Com base na concepção teórico metodológica que permeia esta pesquisa, bem como na concepção de currículo apresentada nas legislações vigentes, perguntamos: Que sentido de escola as crianças no/do campo vivenciam? O que significa respeitar as peculiaridades de um tempo/espaço próprio de vida ribeirinha? Como a organização escolar dessas crianças as acolhem? Esta pesquisa, portanto, não pretende buscar respostas

imediatas, mas, nos colocar numa atitude reflexiva juntamente com esses sujeitos, dentro de suas manifestações de vida cotidiana. Este cotidiano é entendido por Oliveira:

[...] como *espaçotempo* rico de criações, reinvenções e ações, recusando a noção hegemônica segundo a qual o cotidiano é *espaçotempo* de repetição e mesmice, e, portanto, pesquisas e reflexões nos/dos e com os cotidianos não criam nem podem criar conhecimentos. Acreditamos, ao contrário, que cotidianamente são criados conhecimentos relevantes, não só para a vida cotidiana, mas, também, para o desenvolvimento de práticas sociais de conhecimento – que é o modo como Boaventura (SANTOS, 1989) compreende todo conhecimento científico. (OLIVEIRA, 2012, p. 86)

Pensar o currículo nessa proposta de um cotidiano inserido, mergulhado nas práticas escolares dos sujeitos/crianças que ali constroem os sentidos de escola é a busca de “permitir perceber os praticantes das escolas também como produtores de conhecimentos, valorizando modos diferentes de conhecer e de estar no mundo, ou seja, outras práticas sociais de conhecimento.” (OLIVEIRA, 2002, p. 51). Essas práticas sociais, num espaço/tempo peculiar, são percebidas como indissociáveis dos espaços de produção dos conhecimentos, e assim, compreendemos com Certeau (1994) que, mesmo que as regras estejam estabelecidas e legitimadas, *os praticantespensantes* as burlam, recriam-nas e negociam mediante os sentidos de seus mundos, sentidos que passam pela valorização do coletivo, possibilitando novas invenções de conhecimentos entre as pluralidades de sujeitos. Ferraço (2002) explicita:

Em Certeau (1996) encontramos uma valorização das ações cotidianas. O autor, com sua visão otimista, percebe microdiferenças onde a maioria vê obediência e uniformização. Sua confiança e admiração por aqueles que inventam anonimamente o cotidiano, que não deixam vencer/dominar criando microrresistência e fundando microliberdades, o torna um autor de uma sensibilidade estética incomum. Para ele, a cultura ordinária, a ordem, é exercida por uma arte, por um estilo que, ao mesmo tempo, cumpre e corrompe o sistema vigente. Seu otimismo se deve a uma convicção ética e política que exprimem em sua constante capacidade de se maravilhar com o dia a dia. (FERRAÇO, 2002, p. 101)

Desse modo, faz-se necessário ampliar a visão que temos a respeito do currículo no cotidiano e o cotidiano no currículo escolar. Pensar a respeito dessas novas possibilidades, é trazer à luz um cotidiano em movimento, onde os saberes/fazerem são constituídos pelas multiplicidades de contextos e nas experiências atuais de um

tempo/espço que articula as vivências dos sujeitos praticantes. Asseguramo-nos das palavras de Alves (2008), ao ressaltar:

É assim que neste *espaçotempo* tão prático e da prática como é a educação, os estudos (teóricos) se desenvolvem ao mesmo tempo que se buscam alternativas (práticas). Este movimento, em primeiro lugar, vai apresentando para a escola, em todos os seus níveis e na sua organização curricular, questões quanto à centralidade das disciplinas teóricas, ou de soluções e acumulações predominantemente racionais, até há pouco tempo incontestável frente àquelas disciplinas ou outros componentes curriculares considerados periféricos, porque de expressão sobretudo subjetiva e prática. (ALVES, 2008, p. 96)

A escola, portanto, é esse espaço em constante processo de ação a que nos referimos. Constituída por pessoas que trazem vidas, anseios e tudo aquilo que aprenderam do lado de fora, com o fazer de suas vidas. Tempo/espço difícil de ser controlado, hierarquizado, nivelado, ainda mais quando estamos lidando com crianças. Por isso, a importância de um cotidiano inserido nas redes educativas múltiplas. Como nos sugere Alves (2008), tornar visível e consolidar na escola as experiências de vida das crianças como parte integrante no processo de produção de conhecimentos, traz contribuições tanto positivas ou negativas e torna possível relacionar o currículo com cotidiano. Incorporar as práticas cotidianas nesse movimento de ensinar e aprender juntos, a partir da concretude da vida, é o grande desafio. Redes que configuram saberes/fazer dos alunos, professores, pais, comunidade, afins. É a partir dessa concepção de escola que nos situamos. Esse é o espaço social, formado por múltiplos encontros e entrelaçamentos de aprendizagens, que os estudos cotidianos querem contemplar.

## **II- As artes de falar e fazer da criança ribeirinha/pantaneira**

Partilhamos, a seguir, algumas das experiências vivenciadas no decorrer de nossa pesquisa, que chamamos *narrativa de sala de aula*.

Numa sala de turma multisseriada, de 1º, 2º e 3º anos, crianças com idade de seis a oito anos, esperam o momento da divisão das atividades. Entre uma conversa e outra, algumas canções animadas, sorrisos, timidez, silêncio, barulhos, arrumação dos materiais, a professora passa a atividade de Língua Portuguesa. Cada grupo com seus cadernos e livros começam a atividade sobre o alfabeto: procurar em cada letra do alfabeto um nome

retirado do livro de histórias. Enquanto Danilo, de oito anos, tenta procurar as tais palavras, mesmo com dificuldades na leitura e escrita, olha para mim e diz:

**Danilo:** Peguei vinte e cinco piranhas ontem lá na Baía, professora.

**Eulene:** Que legal Danilo! Onde fica a Baía?

**Danilo:** É onde passa a corredeira, professora.

**Eulene:** Fica no rio Jauru?

**Danilo:** É no rio Jauru, mas lá pra dentro. É o lugar onde passa a corredeira com muita força. Os peixes fica tudo preso lá, e é fácil de pegar.

**Eulene:** O que fizeram com tanto peixe, Danilo?

**Danilo:** Meu pai vendeu professora.

Danilo fica em silêncio por uns instantes e continua:

**Danilo:** Professora, vamos embora daqui, pra outra cidade, meu pai, minha mãe e meus quatro irmãos.

**Eulene:** Puxa! Por que estão indo, Danilo?

**Danilo:** Ah, professora! Meu pai não tem trabalho aqui. Ele e minha mãe ajudam meu tio a matar galinha, limpar e depois vender. Quando dá eu também ajudo eles.

Depois de um breve silêncio, Danilo termina sua fala:

**Danilo:** Eu não queria ir pra lá. Gosto daqui, professora. A gente já mudou tanto de lugar

Após esse diálogo, Danilo, retorna à sua carteira e continua a procurar as palavras no seu livro de histórias.

(Diário de Campo, diálogo com Danilo, criança do 3º ano, sítio Pé de Pequi, 4º dia).

Nessa mesma atividade, Ana Clara, sete anos, caminha em direção à professora. Apresenta a ela o que conseguiu fazer.

**Ana Clara:** Eu não consigo, professora. Não consigo pesquisar.

**Professora:** Clara, você já é do 2º ano e ainda não sabe?

**Ana Clara:** Eu não sei ler, como vou saber pesquisar?

Ana Clara retorna ao seu lugar chorando e pensativa por não conseguir achar todas as palavras para compor as letras do alfabeto. E continua a procurar as palavras.

(Diário de Campo, criança do 2º ano, sítio Terenas, 4º dia).

Que relação é constituída nesse momento da escrita e da leitura para Ana Clara que ainda não se apropriou desse processo de letramento? São três horas sentadas, no ir e vir de “pesquisa”. Cadê Ana Clara? Está sentada, olhando o livro, tentando decifrar os códigos, copiando algumas palavras que consegue ler, e que não sabe se são essas palavras que fazem parte das letras do alfabeto.

Mais uma atividade para partilhar:

“Hoje a atividade é interessante”! Diz a professora, dividindo a turma. “Vocês vão copiar as palavras do quadro e dizer se elas são Sílabas Simples ou Sílabas Complexa. Isso para o 2º e o 3º anos somente.”

As crianças organizam-se, trocaram materiais entre os colegas para o início da atividade: borrachas, apontadores e lápis, correram de mãos em mãos. Ana Paula, sete anos de idade, questionou a professora:

**Ana Paula:** Eu não sei fazer, porque só sei escrever se eu copiar do quadro.

**Professora:** Você deve copiar ao lado da palavra e dizer se ela é *Simples ou Complexa*.

**Ana Paula:** Mas se não sei ler como vou saber se é *Simples ou Complexa*?

**Professora:** Isso é tão fácil e vocês têm dificuldade pra fazer?

Ana Paula volta para seu lugar e com o olhar cheio de lágrimas vê que estou observando-a. Vêm ao meu encontro.

**Ana Paula:** Professora me ajuda, não sei fazer isso, não entendo isso.

Procuro acompanhá-la nesta atividade, com o propósito de fazermos juntas, tentando lembrar nos meus tempos de escola, ter estudado as sílabas com este termo, “complexas”. A professora, ao ver a reclamação das crianças por não entenderem mesmo como fazer, logo adianta:

**Professora.** Não entenderam ainda? Uma atividade tão simples assim?

**Eulene:** Fiquei a refletir: “Simples” para a professora... “Complexa” aos alunos!

(Diário de Campo, criança do 2º ano, sítio Mangaval, 5º dia).

No meio dessa atividade, uma parada para ouvir os choros de Marcela, de sete anos de idade. A professora pergunta o que aconteceu e a chama para seu colo. As crianças começam a rir de Marcela. Ela olha para seus colegas e diz:

**Marcela:** Só porque minha vó morreu, vocês não estão nem aí?

As crianças continuam a rir. A professora conversa com a turma e pede para respeitar o momento dela, respeitar os sentimentos de Marcela.

**Professora:** Mas o que aconteceu Marcela?

**Marcela:** Minha vó morreu e levaram pra enterrar na cidade. Minha família tá muito triste. Eu queria ter ido com ela.

A professora conversa com todos, dizendo que faz parte da vida a gente morrer:

**Professora:** Crianças, assim é a vida. A gente nasce, cresce, reproduz e morre.

**Marcela** logo responde: Minha mãe tá ficando velha, logo vais morrer. Depois fico com meu pai. E logo vai morrer também. Vou ficar com minha irmã sozinha. É triste morrer!

A professora tenta tranquilizá-la dizendo que a avó de Marcela está no céu cuidando dela.

**Marcela:** Vou crescer, ter que trabalhar e resolver as coisas sozinha? Eles vão ficar lá no céu e eu aqui, embaixo sozinha?

Michel, sete anos, entra na conversa:

**Michel:** Assim é o mundo, Marcela. A gente fica doente pra morrer mesmo... depois de velho.

Adriana, oito anos, tenta consolar Marcela:

**Adriana:** Para de chorar! Isso vai acontecer mesmo, só depois de muito tempo.

A turma fica atenta para ouvir Marcela. Entram na conversa e dialogam juntos. A professora trabalha o sentido do respeito aos sentimentos, fala do amor e como podemos amar as pessoas. Uma aula sobre a criação do mundo, sobre Deus, sobre sentimentos de dor, perdas, raivas, que fazem parte das nossas vidas. No final da conversa, Marcela estava mais calma e a professora chama os colegas para o abraço coletivo na colega. Após esse momento, as crianças retornam a atividade de procurar: *As Sílabas e Sílabas Complexas*.

(Diário de Campo, diálogo com Marcela, Michel, Adriana, 5º dia).

*Narrativa entre o momento do brincar e os saberes da mina da cobra:*

É hora do recreio. Parecem ser os quinze minutos mais esperados pelas crianças. Querem correr debaixo de um pé de figueira que abraça o sol da manhã. É uma correria para conciliar as brincadeiras, a hora do lanche, a visita a uma lanchonete ao lado da escola. Muitas crianças aproveitam para comprar os salgadinhos (chips), doces, balas, sorvetes. Debaixo desse pé de figueira, fico a observar esses momentos de brincadeiras, conversas entre colegas, comilanças. Algumas crianças sentam-se também ao redor da árvore e começam a narrar este fato:

**Emanuel:** Professora, bem pertinho do meu sítio tem uma mina. É a mina da cobra.

**Eulene:** Mina da cobra, como assim?

**Emanuel:** Tem uma cobra Sucuri lá. Se mata ela a mina seca. Se deixar viver, a mina enche.

**Eulene:** Você já viu essa cobra?

**Emanuel:** Eu já vi e muita gente. É enorme! Mataram o filho da cobra e a mina tava secando.

**Eulene:** E quem contou essa história?

**Emanuel:** Foi seu Barros, o dono da mina. Ele que conta. Lá, é a casa da Sucuri.

**Eulene:** Você vai sempre lá?

**Emanuel:** Vou com meus irmãos buscar água, mas a gente não fica muito tempo. Vai que ela aparece.

Emanuel continua a contar outras histórias em meio aos colegas, dentre algumas, os mitos e as lendas que os avós contam.

**Emanuel:** Tem outra história pra contar que acontece aqui na nossa comunidade. Mas minha vó não deixa a gente contar.

**Eulene:** Hum! Tudo bem, eu nem estou curiosa. (risos)

**Emanuel:** Tem um Curupira bem perto da mata, professora. Se a gente fala “palavrão”, ele pega nós. Se a gente fala “desgraça”, ele come nós.

(Diário de Campo, criança do 3º ano, sítio Água Boa, 7º dia).

Contar e ouvir histórias faz parte do cotidiano das crianças na comunidade ribeirinha. Conversando com seus pais, estes disseram que o ato de contar histórias como a do Curupira, Saci Pererê, Mãe da Terra, Olho D’água, Sucuri do rio, serve como lição de moral para que as crianças evitem falar palavrões, mentir, roubar, desobedecer, ter preguiças, e desse modo, aprendem que “[...] Pra viver nesse mundo, professora, a gente tem que aprender o que é certo e o que é errado.”

(Diário de Campo, Mãe Lúcia, sítio Nova União, 7º dia).

#### *Narrativa de Pedro e os peixes:*

Pedro, oito anos, na lida de um trabalho em sala de aula para resolver questões matemáticas, levanta de seu lugar para contar-me o seguinte:

**Pedro:** Professora, eu ganhei 35 reais da venda das iscas que peguei com meu pai no rio.

**Eulene:** Que legal Pedro! São iscas de quê?

**Pedro:** De peixe como as traíras, jijum, lobó, lambari e tem mais. A gente vende pros turistas que vem pra cá pescar. Esse tempo é bom, professora. A gente ganha o nosso dinheirinho.

Como a comunidade é considerada área turística de pesca, há temporadas que as famílias vivem com o trabalho de acompanhar os turistas nas pescas, pilotando os barcos, pegando iscas para as vendas, e outras atividades em torno do turismo.

Converso com Pedro para saber como acontece esse período de pescas na comunidade.

Logo, conta entusiasmado que todos os dias vão pescar com os pais:

**Pedro:** A gente pega os peixes pra vender professora.

**Eulene:** Quais os peixes que vocês pegam mais?

**Pedro:** A gente pega pintado, caxara, juripoca, jurupensen, piau, piranha, dourado, peraputanga, pacu, jaú, lambari, piau usú, piau banana, piau três pinta, piava, piapara... e tem muitos ainda no rio.

**Eulene:** Quanto peixe Pedro! E qual você gosta mais de pescar?

**Pedro:** Eu gosto de pintado, piau, pacu e peraputanga. É mais gostoso professora, e a gente vende mais.

(Diário de Campo, criança do 3º ano, sítio Peraputanga, 8º dia).

Partilhar trechos dessas conversas, na perspectiva que adotamos, não representa simples ilustrações de vidas. Pensamos em trazer à tona os autores e autoras de vidas inseridas em um cotidiano próprio, apresentando parte das realidades de suas vivências, *dentrofora* da ambiência escolar. É a vida eclodindo as palavras e as palavras eclodindo a vida, contituindo sentidos.

O que podemos perceber, nesses fragmentos de histórias narradas pelas crianças, é um cotidiano de vida dinamizador, em que a inventividade no criar o texto pelo contexto vivido é trazida para dentro da escola e dela, formam-se os sentidos. Espaço de interações, como Certeau (1994) nos apresenta. Um cotidiano todo peculiar, assumido pelos *sujeitos praticantes*, nas “artes de fazer”, nas táticas que essas crianças, nesse contexto histórico, protagonizam. Uma história vivida, uma história própria. A força das experiências reais das crianças encontra-se assim: de fora para dentro, é o que Alves (2012, p. 41), nos faz questionar. Para nossa proposta de pesquisas no/do/com o cotidiano é de primordial relevância pensar que em meio ao âmbito escolar há outras possibilidades de encontros, encontros estes marcados por outras redes educativas, que permitem também, outros conteúdos e conhecimentos que configuram os currículos escolares. Importante ressaltar que essas práticas estão imanentemente interligadas com os sujeitos e suas histórias de vida, nas realidades em que vivem e nas singularidades das experiências carregadas de saberes que paulatinamente vão compondo as redes educativas. Segundo Oliveira (2012):

Pesquisar a vida cotidiana nas escolas é, nessa perspectiva, um meio de incorporar ao campo do currículo uma nova possibilidade de compreensão da complexidade que lhe é inerente, com seus macroelementos e microelementos em permanente diálogo, modificando-se mutuamente e produzindo, com isso, novos conhecimentos curriculares, currículos *pensadospraticados* pelos *praticantespensantes* da vida cotidiana nas/das escolas. (OLIVEIRA, 2012, p. 57)

Portanto, compreendemos que, nesses espaços educativos, as experiências múltiplas se encontram na concretude do vivido, num cotidiano em movimento que está

dentro e fora de nós. Fazemos escola juntos e aprendemos que “o conhecimento é tecido e exige que se admitam as diferenças culturais sem hierarquias, o que se abre múltiplas possibilidades ao ato humano de conhecer.” (ALVES, 2008, p. 12). Assim, mergulhar no cotidiano exige esta disposição: pensar a partir do eu/nós.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, N. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, N.; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). **O sentido da escola**. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- \_\_\_\_\_. GARCIA, R.L. A necessidade da orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano: duas experiências. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A.M.N. (Org.). **A bússola do escrever**. São Paulo: Cortez; Florianópolis: UFSC, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil. LEI Nº 9.394/96 CNE/CEB**, Brasília - DF, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- CALDART, Roseli Salet. **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002, caderno 4.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. M. de. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo In: OLIVEIRA, Inês Barbosa. ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre redes e saberes**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa com o cotidiano**. Educação. Sociedade, Campinas, vol. 28, jan./abr. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos pensados/praticados pelos praticantes/pensantes dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. (Orgs.) **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Rio de Janeiro: Editora DP et Alii, 2012.